

Oficina mulheres negras e literatura: uma troca e um devir

Sílvia Barros¹

Este texto tem como objetivo apresentar o projeto pedagógico desenvolvido durante o ano letivo de 2016 no *Campus Tijuca II* do Colégio Pedro II. A oficina *Mulheres Negras e Literatura* buscou proporcionar o contato com textos não canônicos, levando em consideração as questões raciais e de gênero que os perpassam. A leitura de textos escritos por mulheres negras permitiu não só a ampliação do conhecimento literário, como também a criação de um espaço de construção da nossa identidade racial.

Palavras-chave: Literatura; Mulheres Negras; Autoria Feminina; Projeto Pedagógico.

This text presents an educational project developed during the school year of 2016 on Colégio Pedro II (Campus Tijuca II): the workshop *Black Women and Literature* sought to provide contact with non-canonical texts, taking into account the racial and gender issues that permeate them. The reading of these literary texts written by black women allowed not only the expansion of literature knowledge, but also the creation of a space where we can build racial identity.

Keywords: Literature; Black Women; Authorship; Educational Project.

Ingressei no Colégio Pedro II há pouco mais de um ano, via concurso público, por cotas raciais. Fiquei em nona colocação, seria convocada para assumir o cargo independentemente da medida afirmativa, porém, com muito orgulho, repito que ingressei no serviço público federal como cotista, como professora negra, autodeclarada negra em posse de seu direito.

Imbuída de tal orgulho e da responsabilidade a que ele estava atrelado, no segundo mês de trabalho, concebi uma oficina para ler com alunas e alunos textos escritos por mulheres negras. Mulheres de diferentes nacionalidades, mas com a mesma herança: a herança africana. Os textos selecionados poderiam se enquadrar em diversos gêneros e versar sobre diferentes temas, no entanto, algo em comum deveria conectá-los: a perspectiva da mulher negra.

Além do meu próprio desejo de trabalhar com essa literatura, a oficina teve como principal motivação as próprias alunas do colégio que, antes mesmo de me conhecerem, me abordaram no pátio e me convidaram para o piquenique feminista que ocorreria no feriado de 28 de outubro (2015). Segunda elas, o convite era motivado pela certeza, ao me verem de turbante, penteado e outros ornamentos ligados à cultura africana e ao empoderamento da mulher negra, de que eu tinha interesse em debater questões relacionadas às opressões que as mulheres sofrem.

¹ Mestre em Literatura Brasileira pela UFRJ e doutoranda pela mesma instituição. Pesquisa a literatura contemporânea e as autorias femininas. Professora do Colégio Pedro II (Campus Tijuca II) desde 2015, com interesse no trabalho com a literatura de autoria feminina negra. E-mail: silvialetras2003@yahoo.com.br.

Elas estavam certas. O empoderamento feminino era uma das temáticas mais presentes em minhas pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas. Contudo, algo novo havia surgido: eu estava em processo de tornar-me negra, cada dia mais negra... e o ingresso no colégio por cotas teve papel importantíssimo nesse percurso.

Este texto, portanto, pouco se parece com o que conhecemos por artigo acadêmico, e isso eu também aprendi com as escritoras negras: nosso discurso não é igual ao canônico, nós não falamos e escrevemos sozinhas. Então, assim como ocorrem nos encontros da oficina, em que nós lemos, falamos e ouvimos, este texto é fruto do diálogo riquíssimo que se deu nos dias do Seminário Geparrei e da breve experiência com a Oficina Mulheres Negras e Literatura.

A oficina literária como projeto docente

Como sabemos, o currículo escolar ainda é pautado por conteúdos e práticas eurocêntricas e conteudistas (cf. MUNANGA, 2005; 2008/2010). Diante disso, somos forçados a buscar alternativas que contemplem identidades invisibilizadas na educação formal. Essa busca é o que chamo de transgressão, seguindo a perspectiva de Bell Hooks, em seu livro *Ensinando a transgredir* (2013). Nessa perspectiva, a transgressão se dá pelo corpo, pela voz, por abordar temas e problemas antes silenciados, dar poder aos alunos e principalmente às alunas negras para que se expressem conforme seu ponto de vista de mulher, jovem, negra e estudante de um colégio público federal.

Contudo, apesar de alguns indivíduos trazerem essa visão, que pretende ultrapassar as formas canônicas de pedagogia e de trabalho com as diversas disciplinas, o colégio ainda é um ambiente acadêmico que apresenta dispositivos legais e burocráticos que tendem a privilegiar um currículo eurocentrado, por isso formalizei a oficina, que pretendia oferecer por meio de um projeto.

Destaco aqui alguns dos objetivos desse projeto. O primeiro deles seria ampliar os conhecimentos acerca da cultura e literatura africana e afrodescendente, contemplando a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas. Outro aspecto que considere importante é a promoção de ressignificação e valorização cultural de uma das matrizes que forma a sociedade brasileira. A ênfase na autoria feminina se justifica por seu pequeno espaço no cânone e pelo fato de as mulheres estarem ainda hoje lutando por direitos na sociedade. Além disso, em um colégio cujos alunos e alunas se mobilizam para formar coletivos de resistência contra a opressão e o preconceito, é imprescindível que também as professoras incluam, em suas práticas, um olhar mais crítico sobre os conteúdos ministrados e que se tornem capazes de oferecer espaços de discussão em que esses alunos e essas alunas se sintam representados.

Essa justificativa procurou relacionar os meus interesses como professora aos interesses da escola, em atender aos pressupostos da Lei 10.639/2003, e também aos interesses das alunas e dos alunos que naquele momento, em

especial, estavam se reunindo em coletivos – LGBT, feminista e negro – para que pudessem legitimar suas reivindicações, denunciar e evitar desrespeitos e opressões e, principalmente, dar voz e corpo a esses indivíduos historicamente massacrados pela sociedade branca, heterossexual, patriarcal. E a literatura escrita por mulheres negras seria um canal oportuno para o empoderamento desses coletivos.

Ao discutir a pertinência do termo Literatura Negra, Ana Rita Santiago enfatiza a importância de ressignificar o ser negro a partir de uma ótica literária:

Na prática, admitem-se escritores negros de uma textualidade, pautada na vivência e tramas de tornar-se negro na sociedade brasileira, implica perfilar os entraves e dilemas das relações sociais e, acima de tudo, étnico-raciais, estabelecidos pelo racismo. Implica problematizá-los, subjetivamente, forjar agenciamentos de formas e expressões literárias, que acrescentem outras significações ao ser negro no Brasil (SANTIAGO, 2012, p. 132).

Desta forma, rompe-se com a ótica que esteve durante muitos anos comprometida em mostrar o africano escravizado, a mulata erotizada, o negro vitimizado, sempre pelo olhar masculino e branco. E em nosso caso, o atravessamento de gênero foi essencial para definir o objeto de estudo, já que uma das motivações para a montagem da oficina foi a presença marcante das discussões sobre o tema no espaço escolar no ano de 2015.

Em um primeiro momento, portanto, minha ação esteve centrada nessa atividade extracurricular à qual dei o nome Oficina Mulheres Negras e Literatura; entretanto, entendo que essa é uma prática que faz parte da minha atuação como professora no cotidiano de sala de aula hoje, este é o devir de que fala o título do trabalho. O conteúdo deste texto está relacionado ao fato de que a discussão racial e feminista ainda está no âmbito do extraordinário. Quando sou solicitada a responder perguntas sobre todos os assuntos que envolvem a negritude, o feminismo e a causa LGBT por colegas e estudantes, percebo como estamos afogados na prática pedagógica do discurso único, tentando nos apoiar nas margens das oficinas, projetos e pesquisas.

A literatura como espaço da resistência

É um clichê dizer que a literatura é um espaço para a transgressão. No entanto, esse clichê, muitas vezes, se mostra equivocado. A literatura é um espaço também para o reforço do status quo, para a manutenção dos privilégios dos homens e dos brancos, por isso ainda não estudamos a literatura africana e afro-brasileira, assim como a história e a cultura dos índios, de forma profunda e sistemática. Ficamos relegados às “comemorações” de novembro e à abordagem estereotipada, carnalizada da nossa história.

Em relação às mulheres, a mulata, considerada musa no carnaval, torna-se a negra que, no resto do ano, é a antimusa da mídia, da sociedade, da literatura; a

figura anônima, invisibilizada que trabalha como babá para a celebridade, mas não tem o nome divulgado pela imprensa na cobertura de um acidente do qual também foi vítima.

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha (GONZALEZ, 1983, p. 231).

Quando a literatura feita por mulheres negras não é abordada na escola, reforçamos o anonimato dessa mulher, além de sonegarmos às nossas alunas o direito de reconhecer que mulheres como elas produziram obras de arte, produziram conhecimento e também são dignas de serem estudadas. A sala de aula não é embranquecida somente pela falta de estudantes negros, ela é embranquecida pelo esquecimento de nomes como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus. Ela é embranquecida quando se afirma a falta do negro como protagonista e a solidão da mulher negra de que fala Lélia Gonzalez.

Na discussão sobre essa temática, destacam-se obras como a de Cristiane Sobral (2014), cuja poesia, muito lida nos encontros da oficina, propõe a teoria do escurecimento necessário:

Retina negra

Sou preta fujona
Recuso diariamente o espelho
Que tenta me massacrar por dentro
Que tenta me iludir com mentiras brancas
Que tenta me descolorir com seus feixes de luz

Sou preta fujona
Preparada para enfrentar o sistema
Empino o *black* sem problema
Invado a cena

Sou preta fujona
Defendo o escurecimento necessário
Tiro qualquer racista do armário
Enfio o pé na porta
E entro. (SOBRAL, 2014, p. 20).

A proposta da poetisa foge da ideia de literatura transgressora branca, do panfleto político ou da ficção violenta. É uma proposta de libertação que está

presente nos títulos de seus dois livros de poemas: *Não vou mais lavar os pratos* (2012) e *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014). Sobral persegue a dissolução de estereótipos tanto em relação aos serviços tradicionalmente exercidos por negras, quanto à estética negra. Em “Retina negra” (2014), percebemos a antítese entre o adjetivo “fujona” e o verbo “entrar”, que dialeticamente promove a entrada da mulher negra na literatura e na sociedade. Ambos carregam os sentidos de força, luta, seja para sair, seja para invadir – verbo presente na terceira estrofe. Ela foge dos desmandos do senhor, nega seu lugar subalterno e entra no mundo literário e social, escurecendo-o. O poema se faz em três atos: a fuga, na primeira estrofe; a invasão, na segunda estrofe; e a entrada, na terceira. A cor e a não cor presentes na primeira estrofe – preta, brancas, descolorir – é também o processo de recoloração proposto pela teoria do escurecimento necessário. Ou seja, foi necessário um processo de inclusão da negra na sociedade para que ela pudesse estar na literatura, não mais como a preta fujona, estuprada, açotada, mas como a protagonista e autora da história.

O que ocorre, frequentemente, a partir da leitura dessa poesia do escurecimento é uma conexão imediata entre as alunas e o discurso produzido por uma mulher negra que está colocada, finalmente, em uma posição de maior visibilidade, afinal, ela é autora de um livro publicado, seus gritos estão circulando na sociedade, por mais difícil que seja conquistar isso. Então, as alunas, muitas vezes, pensam em suas mães, tias e avós, lembram do orgulho que essas mulheres têm da menina que estuda em um grande colégio brasileiro e sabem que podem se rebelar também, que podem não aceitar lavar os pratos.

O desenvolvimento das atividades da Oficina

As atividades da Oficina Mulheres Negras e Literatura começaram de forma embrionária em novembro de 2015, quando lemos alguns textos introdutórios. Em 2016, a oficina passou a acontecer de forma mais organizada, semanalmente, nos turnos da manhã e da tarde. Entre prosa e poesia, foram lidos textos de Mírian Alves, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Cidinha da Silva, Toni Morrison, Jarid Arraes, dentre outras autoras. As atividades da oficina incluíram também filmes, palestras, rodas de conversa, oficinas de tranças e turbantes. As diferentes propostas de atividades e a variedade de gêneros contribuíram para que pudéssemos perceber que aspectos da questão negra eram mais fortes na vivência das estudantes, o que as afetava mais, com quais personagens havia mais empatia e identificação. A respeito disso, farei um breve relato do que foi mais relevante no percurso até agora.

Quando se fala sobre opressões sofridas pelas negras é comum que se toque no assunto cabelo. Assim como propõe o título do livro de Cristiane Sobral (2014) e o verso de seu poema “Empino o *black* sem problema”, faz parte do processo de tornar-se negra mostrar pela estética o orgulho de ter características africanas no corpo. Este corpo que nos foi retirado quando éramos mercadorias e não podíamos pertencer nem a nós mesmas; que era e é afrontado por pessoas,

muitas vezes meros desconhecidos, que indicam receitas e salões de beleza na promessa de conseguir “abaixar” nosso cabelo. Por isso hoje, quando fazemos questão de empinar o “black”, estamos também erguendo nossas cabeças, nossos narizes e fazendo questão de sermos reconhecidas como negras, tanto as de pele escura quanto as de pele mais clara, desprezando o colorismo que tenta nos embranquecer.

Porém, há outro aspecto, sobre o qual fala Bell Hooks (2005), que vai além da discussão estética sobre o cabelo:

O contexto do ritual havia desaparecido, não haveria mais a formação de vínculos íntimos e pessoais entre as mulheres negras. Sentadas embaixo de secadores barulhentos, as mulheres negras perderam um espaço para o diálogo, para a conversa criativa. Desposadas desses rituais de formação de íntimos vínculos pessoais positivos, que rodeavam tradicionalmente a experiência, o alisamento parecia cada vez mais um significante da opressão e da exploração da ditadura branca (HOOKS, 2005, p. 3).

A autora nos chama a atenção para o fato de que, quando arrumávamos nossos cabelos em casa, trançando, penteando ou fazendo tratamentos caseiros, tínhamos a oportunidade de conversar e trocar experiências e histórias que remontam nossa ancestralidade. Com todos os mecanismos de repressão à estética negra, perdemos também a cultura da oralidade e, conseqüentemente, parte da nossa memória.

Sobre a questão da memória, assistimos à palestra da pesquisadora negra Claudia Freire Vaz, que nos apresentou parte de sua pesquisa sobre a memória social da escravidão no Brasil. Então, percebemos que é um ponto fundamental retomar a conversa e fazer de nossa memória também um conhecimento a ser respeitado.

O texto de bell hooks (2005) foi lido durante a Oficina de Tranças, sugerida pela colega de *campus*, Aline Carmo, professora de filosofia. Durante a oficina, as alunas foram convidadas a ter os cabelos trançados e a trançar os cabelos das colegas enquanto liam poemas. Em momentos como esse, praticamente todas as alunas presentes fizeram relatos pessoais sobre sua relação com o próprio cabelo na família, na sociedade e, especialmente, na escola. Foi, portanto, um momento em que memória e o relato de vida se fizeram presentes de forma espontânea, revelando vários aspectos comuns nas narrativas. Ficou evidenciado como desde os primeiros anos de vida escolar este ambiente pode ser nocivo para meninas negras, seja por apelidos e insultos racistas que lhes são direcionados, seja por não se verem representadas nos livros que leem, no material didático que usam e nem mesmo na figura das professoras.

Mesmo que por apenas um momento, foi possível integrar na escola, a conversa, o toque afetuoso e o elogio à nossa beleza. Às identidades femininas e negras, subalternas e oprimidas, são impostos comportamentos que, de tão estáveis na cultura, se passam por escolhas pessoais. Porém não são. São

formas de apagar as diferenças e tornar todas elas mais próximas às identidades desejáveis e aceitáveis.

A inversão dessa manipulação identitária também está relacionada ao contexto das lutas sociais negras, que de certa forma promoveram uma valorização estética. Saber-se negro e se colocar de forma afirmativa perante o social, enaltecendo esses ícones da identidade, contribui para uma posição política que positiva a estética afro (FABRINI, 2014, p. 7).

A valorização de outra estética é colocada pela autora como instrumento político contra os padrões estabelecidos. Contudo, os discursos e ações que tentam generalizar e, com isso, negar a diferença foram construídos ao longo de séculos de racismo, assim, deixá-los instáveis é uma luta diária que se faz na vida e na arte.

A possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige uma condição imprescindível, a contestação do modelo advindo das figuras primeiras – pais ou substitutos – que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com este modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter rosto um próprio (SOUSA, 1983, p. 77).

A citação do livro *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Sousa (1983), propõe uma problematização dos modelos, das primeiras figuras com as quais nos identificamos. A mídia é uma fornecedora dessas figuras, indicando ao público, desde a primeira infância, modelos de aparência e comportamento pela televisão e, hoje, pela internet. Muitas alunas chegavam à oficina com grande necessidade de falar sobre tal assunto, sobre a forma como as mulheres são representadas pela mídia e sobre a pressão que sofrem para que se tornem parecidas com elas. Obviamente a frustração é certa. Nunca nos pareceremos com elas, primeiro porque a imagem que vemos na televisão e nas revistas é ilusória, repleta de efeitos que fazem do ser humano um corpo fictício; segundo a maior parte dessas mulheres é branca.

Em outra atividade, assistimos ao curta-metragem *Cores e botas*, da cineasta Juliana Vicente. O filme trata de um episódio que gera grande identificação entre as mulheres que cresceram nos anos 1980: as seleções para ser paqueta da Xuxa. O curta narra o encantamento da protagonista, uma criança negra, pela Xuxa e seu universo e a tentativa de tornar-se uma paqueta. As alunas da oficina que assistiram ao filme e participaram da discussão não viveram a década de 1980, mas tiveram imediata identificação com a frustração da criança, que projeta para si uma imagem imposta pela televisão.

É preciso criar um rosto próprio, como nos diz Neusa. É preciso ver rostos que se pareçam mais com o nosso, e isso, muitas vezes, a escola não consegue proporcionar:

À medida que a sala de aula se torna mais diversa, os professores têm de enfrentar o modo como a política da dominação se reproduz no contexto educacional. Os alunos brancos e homens, por exemplo,

continuam sendo os que mais falam em nossas aulas. Os alunos de cor e algumas mulheres brancas dizem ter medo de que os colegas os julguem intelectualmente inferiores (HOOKS, 2013, p. 56).

A afirmação de Hooks (2013) sobre a participação menos ativa de mulheres e homens negros em sala de aula - no contexto universitário - mostra como simplesmente ter diversidade ainda não é o suficiente. É necessário, além de um corpo docente diverso, professores e professoras que também representem essa diversidade por meio de suas práticas e das referências escolhidas. Nesse sentido, participaram de nossa oficina também alunas e alunos brancos e negros, de diferentes classes sociais e orientações sexuais que, além do interesse pela literatura, compartilharam do interesse pelas falas daqueles ditos subalternos.

Talvez por isso uma das leituras mais bem-sucedidas tenha sido a dos cordéis da autora Jarid Arraes (2016), justamente pela diversidade de temas, que vão desde a história de mulheres negras, como Luisa Mahin e Tereza de Benguela, até discussões como aborto, gordofobia e casamento homoafetivo. Os encontros para a leitura dos cordéis tiveram grande adesão, com até quinze participantes, e ocorreram em três encontros consecutivos, por decisão das próprias estudantes. Tal apelo mostrou que a literatura foi usada também como instrumento de união entre pessoas que precisam se ver no outro e que nem sempre conseguem isso em suas atividades rotineiras.

Considerações finais

A troca que a oficina proporcionou, não só entre as alunas e eu, mas entre professoras e outras pesquisadoras que eventualmente participaram e propuseram atividades, aponta para a criação dessa educação como prática da liberdade proposta por Bell Hooks (conforme a perspectiva de Paulo Freire). Os encontros da oficina não tinham caráter obrigatório, não houve restrição de idade/série, gênero e cor e, mesmo assim, entendemos nossa prática como o que pode ser chamado de "aula". Uma aula em que todas falaram, cujo conteúdo representou os nossos anseios e a experiência pessoal foi um conhecimento a ser compartilhado.

A Oficina Mulheres Negras e Literatura, assim como este texto, é experiência de reflexão e construção da minha identidade como professora negra, ou seja, uma proposta pedagógica e também uma prática de transformação pessoal. Em tempos de Escola Sem Partido e outras falácias sobre a neutralidade da educação e a imparcialidade do professor, é mais que necessário, é uma obrigação, ressaltar nossos posicionamentos e não esconder as subjetividades atrás de falsos discursos de igualdade. A neutralidade acadêmica não cabe mais na escola, porque ela é somente uma face da opressão e do preconceito, além de ser uma mentira.

Portanto, minha conclusão, com base nesta reflexão, é de que eu me inscrevi no Seminário Geparrei para apresentar um relato de experiência com um projeto

de oficina literária e saio com a certeza de que meu projeto deve ser minha prática docente diária, em minha sala de aula, seja com qual série e com qual turma for.

Referências bibliográficas:

ARRAES, J. **A bailarina gorda** [Folheto de cordel], 2016.

_____. **As princesas africanas** [Folheto de cordel], 2016.

_____. **A rainha de turbante** [Folheto de cordel], 2016.

_____. **Luisa Mahin** [Folheto de cordel], 2016.

_____. **O casamento de Juma e Luma** [Folheto de cordel], 2016.

_____. **Tereza de Benguela** [Folheto de cordel]

BRASIL. **Lei 10.639**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. MEC, Brasília, DF, 2003.

FABRINI, Pollyanna. *Do ato estético ao ato político: uma análise do cabelo e corpo do negro*. In: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS. **Anais...** Belém: UFPA, 2014. Disponível em: <http://ptdocz.com/doc/379578/pollyanna-fabrini>. Acesso em: 1 maio 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Brasília: Anpocs n. 2, p. 223-244, 1984.

HOOKS, Bell. *Alisando nosso cabelo*. **Revista Gazeta de Cuba** – União de Escritores y Artista de Cuba. Trad. Lia Maria dos Santos, jan.-fev. 2005.

_____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MUNANGA, Kabemgele. *Educação e diversidade cultural*. **Cadernos Penesb – Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira**, Niterói: Faculdade de Educação da UFF, n. 10, p. 37-54, jan.-jun. 2008/2010.

_____. *Apresentação*. In: _____ (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC/Secad; Unesco, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismoescola.pdf>. Acesso 6: maio 2017.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012.

SOBRAL, Cristiane. **Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz**. Taguatinga, DF: Ed. Teixeira, 2014.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VICENTE, J. **Cores e botas** (*Colors and Boots*). Curta-metragem escrito e dirigido por Juliana Vicente (2010). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LI8EYEygU0o>. Acesso em: 29 nov. 2015.

